

PRODUÇÃO TEXTUAL E ENUNCIÇÃO: A APROXIMAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Caroline Rodrigues de Lima (Autora)
Jane da Costa Naujorks¹ (Orientadora)

Resumo:

A produção textual no Ensino Médio, em grande parte resume-se a uma prática centrada na estrutura dissertativa e no treino de períodos impessoais. Essa insistência, há anos presente no final da Educação Básica, sustenta-se hoje em razão da aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, prova aplicada ao final do Ensino Médio, que avalia a produção de um texto dissertativo-argumentativo como um dos requisitos para aprovação. Fez-se necessário, então, buscar alternativas que possam instrumentalizar o aluno de forma que o permita produzir seu texto dissertativo com segurança e autonomia. Assim, buscou-se junto à Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, elementos que possam justificar que a apropriação da língua permite a qualidade do texto dissertativo-argumentativo, uma vez que o aluno torna-se sujeito do processo comunicativo. Far-se-á um breve relato de diferenças constatadas em produções de textos dissertativos em diferentes momentos didáticos (ora com ênfase na forma, ora com ênfase no sentido), tanto na qualidade do texto, quanto na presença das marcas de enunciação. Desta forma, tendo por base a Enunciação, pretende-se comprovar que o ato de apropriação da língua por um locutor – que passa a sujeito –, representado pelo “eu” e refere-se a um outro, representado pelo “tu”, consiste na estruturação do enunciado, tornando-se fator decisivo para atingir a qualidade textual dissertativa em sala de aula.

Palavras-chave: dissertação – Benveniste – marcas de enunciação

Introdução

“O próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.”

(Benveniste)

“Professora, posso falar ao invés de escrever? Sou melhor falando que escrevendo...”

Quem já não ouviu algo assim em sala de aula? Isso demonstra o quanto os nossos alunos tem medo de escrever. Escrever qualquer coisa, principalmente, um texto para a escola, na qual será avaliado. E por que isso acontece? Qual o motivo para que a atividade escrita, a produção textual, seja vista como algo terrível em sala de aula? O que contribui para esse estigma? E o principal: como mudar esse quadro e instrumentalizar os alunos para que sejam capazes de produzir textos completos, coerentes e, acima de tudo, para que demonstrem total confiança ao executar essa atividade, tão importante para o seu desenvolvimento linguístico? E, ao mesmo tempo, de que forma subsidiar o professor, para que possa contribuir para com o desenvolvimento dessa habilidade?

¹ Professora da 7ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

O domínio da língua portuguesa, considerado o uso padrão, tem sido apontado como o principal critério de seleção no mercado de trabalho. Inúmeras empresas, desde as de pequeno porte até conhecidas multinacionais, aplicam testes de conhecimentos gramaticais para os mais diversos cargos e funções. Uma pesquisa sobre seleção, veiculada na Revista Língua², aponta que

A crescente valorização do domínio do idioma no mercado de trabalho vem sendo apontada por diferentes indicadores. Em 2007, uma pesquisa realizada pela Johnson O' Connor Research Foundation em conjunto com um doutor em linguística, Paul Nation, professor da Victoria University of Wellington, na Nova Zelândia, comprovou que o uso eficiente da língua influi na carreira profissional. Segundo o estudo, feito em 39 empresas americanas, a chance de ascensão profissional está diretamente ligada ao vocabulário que a pessoa domina. Quanto maior seu repertório, mais competência e segurança ela terá para absorver ideias e falar em público. (REVISTA LÍNGUA, 2011.) [grifo nosso]

Já em outra pesquisa³, divulgada no site do Jornal Estadão, de São Paulo, o português é fator decisivo para que o candidato se saia bem no processo seletivo, antes de qualquer outra língua. Segundo a supervisora de seleção e recrutamento do Núcleo Brasileiro de Estágios - NUBE, Aline Barroso, citada na reportagem,

O português fraco é uma das maiores deficiências dos candidatos. Os alunos de artes e design são os que mais erram – eles têm 70,59% de incorreções nos testes. Mas os mais eliminados são os estudantes de comunicação, com 43,67% de reprovações, já que nessa área o domínio do idioma é imprescindível. (TUON, 2012)

A corrida a cursos de atualização de Língua Portuguesa é grande. A preocupação com a forma escrita padrão tornou-se, portanto, elemento fundamental no currículo de qualquer profissional. O domínio da língua materna, hoje, é agente impulsionador do sucesso profissional e está diretamente relacionado ao sucesso em qualquer área de atuação.

Essa realidade parece distante da sala de aula, uma vez que o objetivo do aluno não é concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, mas, nesse momento escolar, ser aprovado e passar de ano.

Atualmente, porém, o perfil do aluno de Ensino Médio está mudando. Já no final do Ensino Fundamental, grande parte dos jovens visualiza seu futuro profissional. Mostram-se

² Acesso em 05 de fevereiro de 2014.

³ Acesso em 05 de fevereiro de 2014.

conhecedores das exigências do mercado, buscam cursos de línguas estrangeiras, cursos técnicos e estágios já na área de seu interesse, sempre atentos às diversas informações e novidades do mercado de trabalho. Esse novo perfil de aluno informa-se sobre os cursos superiores e sobre quais as Universidades mais qualificadas para atingir seu objetivo. Ou seja: sabe o que quer e o que deve fazer para atingir seu objetivo.

O aluno, ao pensar no seu futuro profissional, se preocupa com o que fazer no momento em que terminar a etapa escolar. E é nesse momento que todas as atenções recaem sobre as provas aplicadas no Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM, que, hoje, possibilita a entrada de milhares de jovens no Ensino Superior, e cuja exigência é aferir e reorganizar todo o conhecimento que aluno adquiriu ao longo da Educação Básica.

Essa prova consiste em responder a 180 questões acerca das quatro áreas de conhecimento, que serão explicitadas mais adiante, e mais uma Prova de Redação, na qual o aluno deve expor sua opinião sobre um tema atual, geralmente de ampla veiculação na mídia, através de um texto *dissertativo-argumentativo*, o que exige, claro, raciocínio, reflexão e análise crítica.

Neste momento, o estudante percebe o papel essencial que a língua portuguesa – no caso, a competência escrita – cumpre nesse processo. Toda a sua preparação e estudo para as questões objetivas do certame podem se tornar em vão, caso sua produção textual não seja satisfatória. E é esse papel decisivo, essa imensa valorização da produção textual ao longo do processo do ENEM que assusta o candidato e faz da atividade escrita a grande vilã.

É sabido que a produção textual é vista como tarefa maçante e cansativa. Seja para “ganhar tempo” ou por não ter preparado aula, muitos professores solicitam textos e mais textos, de diversos tipos, sem um fim didático definido. Essas atividades, portanto, não levam o aluno a um resultado prático e eficiente, o que colabora para o desgaste e, conseqüentemente, incita a falta de interesse sobre a língua.

Complementando o quadro, quando a tarefa gira em torno do texto dissertativo, vem a exigência da *impessoalidade*. Duas grandes dúvidas permeiam os alunos, nesse momento: 1ª) Como transformar meu texto em pessoal? Revisões e mais revisões são feitas, com afinco, mas, muitas vezes, sempre há um esquecimento (a impessoalidade é trabalhada em sala de aula?) E 2ª) Como dizer o que eu penso sem me colocar no texto? Se tenho que partir de um

princípio, de leituras prévias, como não me posicionar? Ou pior: como me posicionar sem demonstrar que o fiz?

O aluno pode escrever e posicionar-se, sem se apropriar da língua?

Ao longo do Ensino Fundamental, as produções textuais versam acerca dos gêneros textuais – conforme orientação disposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs -, por isso, são produzidas crônicas, histórias em quadrinhos, poemas, cartas, músicas, charges e inúmeros outros gêneros. Essa prática pedagógica é drasticamente rompida já no início do Ensino Médio. Livros didáticos com modelos prontos e ultrapassados, professores atarefados, desatualizados ou, ainda, sem preparo pedagógico para desenvolver um trabalho de qualidade com o texto em aula e, além disso, todo o conteúdo morfosintático da gramática fazem com que o aluno sinta-se incapaz de cumprir com a proposta.

Por outro lado, há outra incoerência: se nossos alunos estão acostumados a escrever diversos gêneros textuais durante os nove anos do Ensino Fundamental, por que o ENEM exige a impessoalidade no texto dissertativo-argumentativo?

A propósito: será mesmo que o ENEM exige essa impessoalidade? Ou estamos diante de uma imensa confusão textual, sustentada por profissionais desatualizados e cursos e editoras com mero interesse comercial na causa?

Portanto, além de toda a preocupação e os fatores já citados anteriormente, o estudante tem mais uma: percebe que não poderá “fugir” da redação, uma vez que é de fundamental importância que ele domine a forma padrão escrita da língua. Ele reconhece que, para alcançar seus objetivos profissionais, terá que aprender a usar positivamente sua língua materna, tanto na forma oral quanto escrita.

Fato é que a dificuldade apresentada em aula quanto a esse tipo de texto, no qual o aluno deve se expor, está diretamente ligada ao pouco conhecimento que o aluno tem para compreender e sistematizar informações com o fim de elaborar seu ponto de vista e sustentá-lo com argumentos plausíveis. Pensar é difícil. O mundo atual, invadido pela tecnologia da informação, oferece uma imensidão de informações ao simples apertar de uma tecla. Não é preciso pensar para usar uma rede social, não é preciso nem escrever para divulgar o que se sente. No mundo atual, literalmente, uma imagem vale mais do que mil palavras. E certamente será compreendida por todos.

Mesmo com essa realidade, com a difusão da tecnologia ao alcance de todos, com a facilidade para acessar informações, o ENEM mantém-se como uma ferramenta avaliativa que ainda busca a reflexão, o raciocínio, o crescimento da bagagem cultural, o domínio de leitura e escrita e inúmeras outras competências, que aparecem sintetizadas na prova de Redação.

Ora, no atual contexto educacional do Brasil, é possível desenvolver – com qualidade – as competências que o ENEM cobra anualmente? Em meio à sobrecarga de elementos morfológicos e sintáticos a serem trabalhados em aula, somados à falta de interesse do alunado pela leitura e escrita, será possível incentivar a produção escrita de qualidade e, ainda, fazer com que essa atividade não seja maçante ou vista como “castigo”?

Não se pretende, aqui, criticar o modelo avaliativo do ENEM ou os conteúdos dispostos pelo PCNs, mas sim encontrar subsídios para tais conhecimentos sejam realmente desenvolvidos e estimulados na Educação Básica. O objetivo é buscar a metodologia mais eficiente para desenvolver uma produção textual em sala de aula que contemple o disposto nos PCNs, o exigido pelo ENEM e, ainda, que estimule a escrita e a argumentação de forma natural, onde o Professor apareça como mediador do processo (apontando o caminho para que o aluno sinta-se seguro e capaz de estruturar suas ideias e posições, ao produzir um texto dissertativo) e o aluno como legítimo sujeito de seu enunciado, apropriando-se da língua para ser o sujeito do processo dialógico, transposto ao texto.

Assim, esse é o objetivo do presente artigo: demonstrar a importância de permitir que o aluno seja o sujeito de seu texto, que aproprie-se da língua para que seja possível estruturar sua opinião no texto, com fundamentação e qualidade, sabendo o que dizer e a quem dizer.

Paralelamente, pretende-se demonstrar que a Teoria da Enunciação pode, sim, dar conta da produção de textos dissertativos, uma vez que se apresentem os aspectos teóricos do texto dissertativo de forma diferenciada da tradicional, embasando-os na Teoria da Enunciação de Benveniste⁴, o que colabora significativamente para com a atividade de produção de um texto dissertativo em sala de aula.

Ou seja, acreditamos que, para produzir um texto dissertativo, o aluno deve se apropriar da língua e com ela produzir referência, suas referências. O aluno, ao se colocar

⁴ Émile Benveniste (1902, Cairo - 1976) foi um linguista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indoeuropéias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure.

como sujeito, só tem a enriquecer o texto uma vez que se estabelece um processo enunciativo: sujeito-autor, texto, sujeito- leitor, o que se concretiza como discurso enunciativo.

A fim de sustentar a afirmativa, será apresentada, em seguida, a análise realizada em de textos produzidos em diferentes situações por alunos do 1º ano do Ensino Médio no ano de 2013, tendo em vista que os textos foram produzidos em dois momentos distintos, como resultado de metodologias distintas, e suas diferenças abissais no que se refere à qualidade de argumentação e encadeamento de ideias.

Se, como diz Benveniste⁵, “a linguagem é instrumento de comunicação” e “a linguagem está na natureza do homem”, nada mais natural do que inserir-se no enunciado, buscando a comunicação, não?

1 O que dizem os PCNs para o ensino médio

Inúmeras foram as alterações no sistema educacional brasileiro, ao longo da história. No que se refere ao Ensino Médio, a mais recente ocorreu a partir de 1998, através do Parecer CEB/CNE n.º 15/98 (de 1º de junho de 1998. MEC/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica) e da Resolução CEB/CNE n.º 3/98 (de 26 de junho de 1998 – institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio pelo MEC/Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica). A grosso modo, tais resoluções baseavam-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e propunham uma nova formulação curricular para o Ensino Médio, incluindo competências básicas, conteúdos e formas de tratamento dos conteúdos coerentes com os princípios pedagógicos de identidade, diversidade e autonomia, e também os princípios de interdisciplinaridade e contextualização, adotados como estruturadores do currículo do Ensino Médio.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a área de Língua Portuguesa deve desenvolver e exercitar a prática de produção textual desde os anos iniciais. Especificamente para o Ensino Médio, os PCNs consideram que o aluno já possui o conhecimento linguístico básico, adquirido no Ensino Fundamental. Portanto, o objetivo da Língua Portuguesa no Ensino Médio é, basicamente, aprimorar esse conhecimento, através de

⁵ “Problemas de Linguística Geral”, “Capítulo 21 – Da subjetividade da linguagem”, 1995, p. 284.

atividades diversas. Determina que não é aconselhável o estudo de forma descontextualizada, onde apenas se usa o texto como meio para retirar palavras e proceder a análise morfológica/sintática e perpetuar a nomenclatura gramatical de termos diversos.

Os objetivos gerais de Língua Portuguesa são abordados pelos PCNs (p. 32), considerando um conjunto de atividades que, progressivamente, possibilitam ao aluno:

- utilizar a linguagem para produzir textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais;
- utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade;
- analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos;
- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico;
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem.

No que se refere à produção escrita, percebe-se uma evolução, pois a sugestão é a utilização do conceito bakhtiniano⁶ de gêneros discursivos e, ainda, execução de projetos pedagógicos. Tal proposta pode sim dar conta da língua em uso e, conseqüentemente, atingir o objetivo proposto, que consideramos, em parte, utópico:

O parâmetro curricular nacional possui um esquema de ensino formador de cidadãos críticos. Observa-se que PCN específico do Ensino Médio, especialmente o de língua portuguesa, faz muita analogia à formação de certas habilidades comunicativas que são essenciais ao convívio social e, aliás, chega a comentar que isto é critério de seleção social. Não se preocupa tanto com o conteúdo, já desenvolvido em outras etapas escolares, apenas na 'evolução' dos mesmos através de sua contextualização e amadurecimento. (VERONA, 2012.) [grifo nosso]

⁶ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (17/11/1895-06/03/1975) foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana, em vários níveis e sentidos. Ficou amplamente conhecido como autor de diversas obras sobre questões teóricas gerais, o estilo e a teoria de gêneros do discurso. Bakhtin, em sua obra "Estética da Criação Verbal" (Martins Fontes, 1992) discorreu acerca dos inúmeros gêneros discursivos presentes na língua. Nesta mesma obra, definiu a expressão 'gênero discursivo' como uma "forma relativamente estável de enunciado oral ou escrito, produzido em situações de interação verbal, com função comunicativa determinada".

Ser crítico e desenvolver habilidades comunicativas. Apropriar-se da língua, do processo comunicativo em todas as suas esferas de atuação (fala e escrita), compreender a funcionalidade textual e ser capaz de interagir socialmente através da linguagem.

Belo texto.... A intenção é, realmente, boa... Sim, temos inovações, intertextualidades, interdisciplinaridades e, em muitos casos, o ensino da língua materna (ou seria o “estudo”, uma vez que somos todos falantes?) chega a se resumir somente a interpretação de diversos textos, com uma ou outra questão de identificação morfológica, mas enfatizando o uso.

Porém, sabemos que a realidade não é essa... A prática em sala de aula é outra e, em seguida, falaremos sobre ela.

O que aqui devemos deixar claro é que a que, segundo os PCNs, trabalhar com linguagem – verbal ou não-verbal – é capacitar o sujeito para a interação social, é proporcionar momentos de discussão e, acima de tudo, significar os elementos sociais, do qual todos fazemos parte. Eis a definição dos PCNs para linguagem:

A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (BRASIL, 2000, p. 5) [grifo nosso]

Ora, então, trabalhar a linguagem em sala de aula, nada mais é do que trabalhar com o reflexo das nossas necessidades e experiências da vida em sociedade. Logo, a comunicação e prática educativa deve ser embasada em toda e qualquer experiência vivida por cada falante. Cada momento é como um valioso argumento para sustentação de opiniões e pontos de vista, pois foram fatores decisivos na construção daquele sujeito, que se apresenta ao mundo por meio de sua linguagem.

Benveniste já havia percebido essa importância, daí seu trabalho em “A semiologia da língua” (1969), onde ele afirma que a língua pode ser reconhecida tanto como um sistema de signos (aspecto semiológico) quanto pelo seu uso (aspecto semântico). O uso, então, é o

Semântico é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos signos entre si, manifestando-se na enunciação, que (...) contém referência a uma determinada situação. (CARDOSO, 1997, p.71) [grifo nosso]

Não é à toa que Benveniste é citado como referencial teórico dos PCNs.

Em suma, a Educação Básica – principalmente o Ensino Médio – deve proporcionar ao aluno o domínio linguístico necessário para que ele se aproprie da língua e se constitua sujeito de seu enunciado, que é resultado de suas experiências pessoais e sempre referem-se a uma situação específica, conforme o disposto por Benveniste.

Mas, como ser o sujeito, criar enunciados de qualidade sem praticar?

2 A realidade da redação no ambiente escolar

“A Linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo, e exige dos professores essa perspectiva em situação didática.”

(Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio)

Percebe-se, portanto, que os PCNs indicam uma série de elementos constitutivos para estruturar a prática pedagógica ao longo do ensino médio, tendo como objetivo principal desenvolver sua competência comunicativa, a fim de empregá-la de forma coerente nas inúmeras situações sociais existentes.

A partir desse domínio da linguagem, os alunos podem se comunicar, trocar opiniões, ter acesso às informações, enfim, tornam-se cidadãos. Eles devem se "posicionar de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas", conforme os PCNs 1998, p 7. (MACHADO, 2001).

Porém, nem tudo são flores...

Infelizmente, a realidade é outra. Professores cansados, desatualizados, ministrando aulas como aprenderam ou como podem. Alunos mergulhando na análise gramatical, buscando decorar nomenclaturas que não lhe fazem sentido e sendo obrigados a escrever sobre temas diversos, que – muitas vezes – não despertam interesse.

Antes mesmo de ingressar no Ensino Médio, são inúmeras as avaliações objetivas às quais o aluno é exposto. Basta ler e assinalar uma resposta correta. Independentemente da

disciplina, indicar uma única resposta dentre cinco alternativas é relativamente muito mais fácil do que construir um enunciado dissertativo-argumentativo para responder a uma questão.

Infelizmente, a grande maioria dos alunos passam 9 (nove) anos lendo e respondendo questões vagas de interpretação textual, preenchendo fichas de leituras de obras nem sempre de qualidade e produzindo textos (muitas vezes sem sentido algum) somente nas aulas de português, sem conseguir ligar esse exercício mental – a produção de um texto, uma dissertação – a outras áreas de conhecimento ou situações reais. A gramática, quando entra na sala de aula, é apresentada com regras e exceções, que devem ser decoradas, não apresenta funcionalidade prática e acaba como vilã da expressão e elemento conturbador para a correta compreensão de textos.

Já ao ingressar no Ensino Médio, depara-se com uma bela “desculpa” para essa metodologia: o foco é a análise sintática e, muitas vezes, a morfossintática, a fim de rever conteúdos e preparar os alunos para o ENEM e outras provas, como Vestibulares e concursos públicos. Toda e qualquer prática/atividade/projeto que tenha caráter meramente comunicativo, que desenvolva a interação ou algo similar é vetada pelos professores, haja vista o tempo que demandaria estruturar o projeto e avaliá-lo. O prazer em ler um texto literário, uma música, trabalhar com contos, imagens ou qualquer outro tipo de atividade diferenciada perde-se em meio à enorme lista de conteúdos a serem trabalhados, vistos, (re)vistos e desmembrados, com fins avaliativos.

Paralelamente a esse instrumento avaliativo, amplamente utilizado no Ensino Médio, as produções textuais são, na grande maioria, apenas vistas como uma atividade a mais, um meio para obtenção da nota e, conseqüentemente, da aprovação. O professor solicita uma dissertação, já no primeiro ano, apresenta a estrutura (a famosa tríade “introdução/desenvolvimento/conclusão) e passa a listar temas e mais temas, para que o aluno “treine”, exercite.

Porém, muitas vezes, esses textos mal são comentados pelos professores. Divulgados, então, nem pensar. Outras vezes são solicitados como tarefas obrigatórias, com temas totalmente desconectados da realidade do anulado e/ou com o objetivo da disciplina. Sua única finalidade passa a ser a de passar o tempo da aula. E, ainda, como um simples exercício, onde o professor somente apontará erros de ortografia, acentuação, concordância e possíveis desvios da estrutura dissertativa. Curiosamente, o professor não instiga o aluno a pesquisar, refletir ou reorganizar as ideias. Basta cumprir as exigências do texto – delimitando aspectos

do texto dissertativo, como a introdução, o desenvolvimento e a conclusão – e o texto será validado.

E, se já não bastasse a realidade, complementando o quadro, o aluno não pode “aparecer” no texto dissertativo. A proibição do uso do pronome “eu” e verbos em 1ª pessoa, mais do que uma simples convenção sintática, carrega uma significação muito maior: o aluno sente-se menosprezado. Sua bagagem cultural parece não ser suficiente para sustentar a argumentação de determinado tema. Ele não pode se inserir no texto pois a impessoalidade deve prevalecer. Todavia, ao produzir o texto, é lembrado de que seu texto será avaliado por alguém, que será lido e, por isso, deve ser claro e coerente... Não há, aqui, alguma contradição? Como escrever acerca de um assunto sobre o qual nada sei? E por que não manifestar minha opinião pessoal e experiências vividas como argumentos de sustentação à tese?

Benveniste, em seu artigo “O aparelho formal da Enunciação” (1970), diz:

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição dessa mesma mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE apud CARDOSO, 1997, p. 77).

Da mesma forma, os PCNs:

a escrita de textos deve sempre considerar suas condições de produção que variam de acordo com a finalidade, especificidade do gênero, lugares de circulação e interlocutor eleito. Portanto, os alunos do Ensino Fundamental devem saber produzir textos de diversos gêneros, coerentes, coesos e adequados a seus destinatários; entretanto, verifica-se que nem sempre essa perspectiva é atingida. (MACHADO, 2001)

Por que, então, insistir em um modelo que o próprio ENEM não solicita? Qual o motivo? Professores despreparados? Falta de subsídios teóricos? Ausência de livros didáticos atualizados? Talvez todos.

Não se pretende, aqui, investigar esse ponto, mas sim, averiguar qual a exigência do ENEM para a produção textual, que venha a justificar essa realidade falha do Ensino Médio de hoje.

3 A Redação do ENEM

Segundo o site do INEP (<http://portal.inep.gov.br/web/enem>), o ENEM foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da Educação Básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009, passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no Ensino Superior em várias Universidades do país.

O conteúdo das provas do Enem é definido a partir de matrizes de referência em quatro áreas do conhecimento:

Tabela 1- Estrutura das provas do ENEM por área do conhecimento

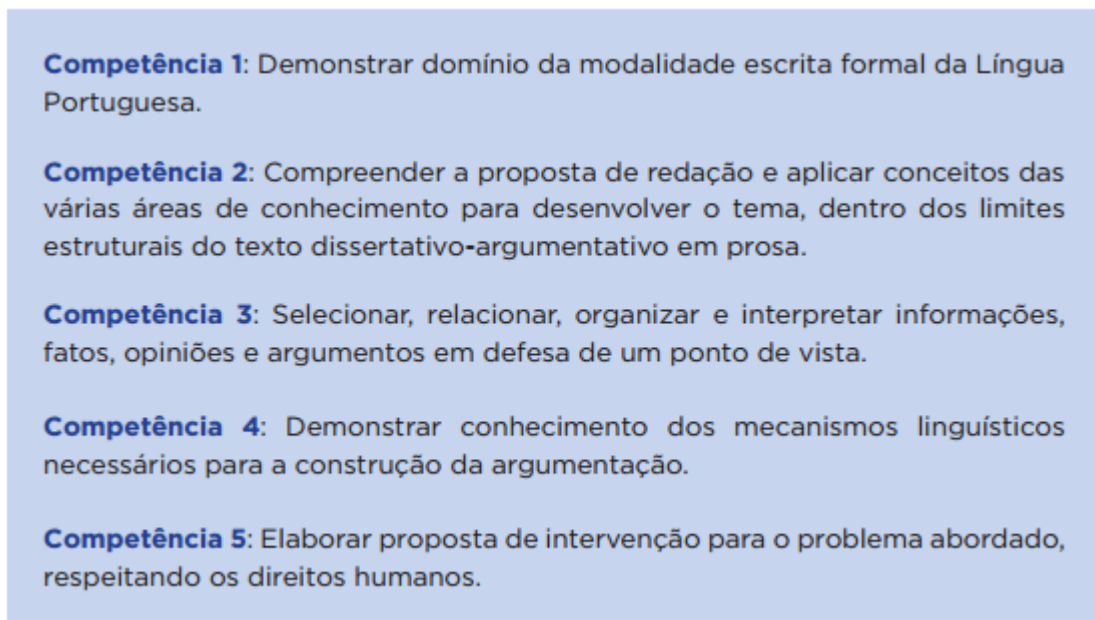
Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares
Ciências Humanas e suas Tecnologias	História, Geografia, Filosofia e Sociologia.
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Química, Física e Biologia.
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação.	Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação.
Matemática e suas Tecnologias	Matemática.

Fonte: Edital ENEM 2013, p.10

Diferentemente do ensino estruturado na gramática normativa, que pauta hoje a maioria dos programas da Educação Básica em todo o Brasil, o Enem tem por base avaliar 5 (cinco) competências (definidas como modalidades estruturais da inteligência, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer) e 21 (vinte e uma) habilidades, definidas como decorrentes das competências adquiridas e que se referem ao plano imediato do “saber fazer”, articulando-se por meio das ações e operações.

As competências avaliadas na produção textual do ENEM são:

Figura 1- Critérios de Avaliação



Fonte: A Redação no ENEM 2013 – Guia do Participante – p.8

A principal característica desta prova, portanto, não é verificar se o aluno domina ou não determinado conteúdo, mas sim aferir a *capacidade do candidato de ler e compreender informações diversas, apresentadas em textos, imagens e gráficos, estabelecendo relações e interligando, assim, as diferentes áreas de conhecimento*. O aluno deve ler, interpretar enunciados e produzir um texto coerente. Elencar conhecimentos, estabelecer relações e inferir são competências que complementam o perfil do aluno aprovado no Exame.

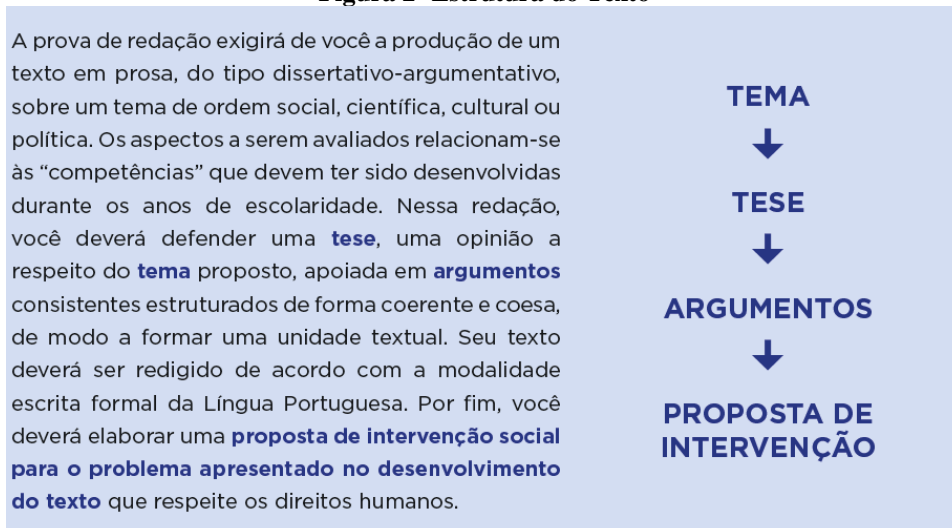
A redação é decisiva para o bom desempenho do candidato. Requer habilidades como dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas de solução

Pode-se afirmar, portanto, que o ENEM busca avaliar as competências descritas nos PCNs para o Ensino Médio, cuja proposta é ampla e diversificada, o que oportuniza uma capacitação completa e satisfatória, fazendo do aluno um sujeito pensante em nossa sociedade, capaz de discernir situações e opinar, criticar e buscar soluções adequadas ao meio no qual está inserido.

E, mais uma vez, a redação aparece como um obstáculo. Se o aluno não teve preparo ao longo da Educação Básica, obviamente não se sentirá preparado o suficiente para produzir um texto completo, instigante. Daí o nervosismo e a preocupação dos alunos, desde o início do Ensino Médio com a “temida dissertação do ENEM.

Vejamos o disposto no manual “A Redação do ENEM 2013 – Guia do participante”:

Figura 2- Estrutura do Texto



Fonte: A Redação no ENEM 2013 – Guia do Participante – p.7

Um destaque especial para a palavra “dissertativo-argumentativo”.

O estudo da tipologia textual nos apresenta as características do texto dissertativo, sua estrutura e função: apresentar uma tese. Dentro dessa estrutura, a impessoalidade do autor dá maior credibilidade ao texto. Não permitindo o posicionamento do autor no texto, evita-se confusões e más interpretações acerca do que está sendo posto. Esta é a justificativa clássica para a impessoalidade imperar no texto dissertativo.

Vejamos qual a definição apresentada no manual “A Redação do ENEM 2013 – Guia do participante”:

O que é um texto dissertativo-argumentativo? O texto dissertativo-argumentativo é organizado na defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto. É fundamentado com argumentos, para influenciar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta. É preciso, portanto, expor e explicar ideias. Daí a sua dupla natureza: é argumentativo porque defende uma tese, uma opinião, e é dissertativo porque se utiliza de explicações para justificá-la. Seu objetivo é, em última análise, convencer ou tentar convencer o leitor, pela apresentação de razões e pela evidência de provas, à luz de um raciocínio coerente e consistente. (BRASIL, 2013, p.15-16) [Grifo nosso]

Fica claro que a proposta difere – e muito – de um simples texto dissertativo. O aluno deve, ARGUMENTAR a fim de justificar o que é colocado em pauta. A argumentação é, aqui, o principal ponto, haja vista que sustentará todo o texto, dando condições de existência ao tema e colaborando para com a coerência da conclusão.

Em momento algum a impessoalidade é solicitada no texto. Por isso, diante de tal análise, por que insistir na prática desse tipo de estrutura durante o Ensino Médio?

Além desse ponto, é possível encontrar, ao longo do manual, inúmeras passagens que demonstram que não é NECESSÁRIO buscar a impessoalidade dissertativa no certame, tais como:

Figura 3- Orientações Competência 2

f) Desenvolva o tema de forma consistente para que **o leitor** possa acompanhar o seu raciocínio facilmente, o que significa que a progressão textual é fluente e articulada com o projeto do texto.

Fonte: A Redação no ENEM 2013 – Guia do Participante – p.14 [Grifo nosso]

Figura 4- Orientações Competência 2

i) Utilize informações de várias áreas do conhecimento, demonstrando que **você** está atualizado em relação ao que acontece no mundo.

Fonte: A Redação no ENEM 2013 – Guia do Participante – p.14 [Grifo nosso]

Figura 5- Orientações Competência 2

A proposta deve, ainda, refletir os conhecimentos de mundo de quem a redige, e a coerência da argumentação será um dos aspectos decisivos no processo de avaliação. É necessário que ela respeite os direitos humanos, que não rompa com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural.

Fonte: A Redação no ENEM 2013 – Guia do Participante – p.22 [Grifo nosso]

Aqui, encontramos elementos que justificam a presença de um “locutor” no texto (no caso, o autor) e um “receptor” (no caso, quem avaliará o texto). Daí insistir na produção de um texto coerente, com argumentos plausíveis, não apenas em um conjunto de sentenças interligadas entre si, mas com uma carga semântica significativa.

O semântico de Benveniste inclui o pragmático. Considerada como funcionamento ou realização, a língua supõe necessariamente um locutor, um interlocutor e a situação desse locutor no mundo. (CARDOSO, 1997, p.71) [Grifo nosso]

É possível, portanto, reformular a prática de produção de texto no Ensino Médio, oportunizando ao aluno que “tome as rédeas” de seu enunciado sem medo!

Ao pensar dessa forma, o aluno sente-se seguro para expor suas ideias e posicionar-se de forma crítica acerca do tema proposto. Ter em mente um “leitor”, um receptor da mensagem que está sendo construída facilita a produção, tranquiliza o aluno e permite a inserção de sua bagagem cultural sem medo.

Para atingir as exigências da redação do ENEM, é preciso, portanto, desenvolver juntamente com o aluno, em sala de aula, a APROPRIAÇÃO LINGUÍSTICA necessária para construção da Enunciação, como explica Barbisan (2007):

A enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse ato é o enunciado, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. Assim, a enunciação é o fato do locutor, que se apropria da língua, e das características linguísticas dessa relação. (BARBISAN, 2007, p.6) [Grifo nosso]

Enfim, após todas as explicitações anteriores, fica claro que é extremamente válido repensar a prática da produção textual no Ensino Médio, partindo dos conceitos específicos e fundamentais existentes na obra de Émile Benveniste.

4 Como Benveniste entra na sala de aula?

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui sujeito.”

(Benveniste)

Todo o estudo de uma língua deve ter por base a Linguística. E nada mais justo do que buscar nessa ciência subsídios para fatos e elementos que permeiam a língua.

Evidentemente, ao falar em Linguística, não há como não recordar de Ferdinand de Saussure⁷ e suas contribuições acerca do surpreendente sistema linguístico utilizado pelo homem. Contribuições estas que foram reunidas no Curso de Linguística Geral (CLG), por Bally e Sechehaye, em 1916.

Por muitos anos, estudou-se e discutiu-se as ideias apresentadas no Curso. A ideia de que a língua é um sistema de signos foi palco de inúmeros pensadores, inclusive Benveniste.

A partir desta ideia foi possível organizar o estudo do sentido, daquilo que é subjetivo na língua. Werner (2004) nos explica:

Benveniste entende a subjetividade como a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu status linguístico. (WERNER, 2004) [Grifo nosso]

⁷ Ferdinand de Saussure (26/11/1857 – 22/02/1913) foi um linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma. Seu pensamento exerceu grande influência sobre o campo da teoria da literatura e dos estudos culturais. Saussure entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a linguística adquiriu autonomia, objeto e método próprios. Seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

Benveniste, portanto, complementa a teoria de Saussure, inserindo um elemento fundamental, que sustenta toda a sua teoria e que é o foco deste artigo: **o sujeito**.

No que diz respeito a Benveniste, entendemos, em sua relação com Saussure, a iniciativa de tomar a língua como objeto da linguística, mas em outro patamar. Para Benveniste, interessa uma linguística da linguagem, que inclui língua e fala. Nessa linguística, tem lugar especial o sentido que leva ao discurso e, desse modo, à linguagem. Benveniste, centrado na enunciação, insere o sujeito nos estudos linguísticos. Percebemos, desse modo que, assim como segue Saussure em suas bases teóricas, Benveniste constitui um novo objeto: a enunciação. (NAUJORKS, 2011, p. 58) [Grifo nosso]

Assim, mais do que desenvolver um novo olhar sobre a obra de Saussure, buscamos em Benveniste elementos tais como locutor e interlocutor, fundamentais no processo comunicativo, no qual estamos diuturnamente inseridos, e o qual é materializado no texto escrito no momento da produção textual.

Esses elementos fundamentais permitem a realização comunicativa por parte do locutor, dando-lhe plenos poderes sobre a realização da linguagem: **o enunciado**.

A enunciação, o ato de produzir o enunciado. A língua é o instrumento de que se utiliza o locutor para se enunciar e produzir o discurso. Pela enunciação a língua se converte em discurso. A enunciação, definida em seu quadro formal, é um processo de apropriação: o locutor se apropria do aparelho formal da língua e se enuncia. O ato de apropriação estabelece o locutor em seu discurso. (BARBISAN, p.7, 2006) [Grifo nosso]

Constituir-se como sujeito do enunciado é difícil. Um está no outro. Daí a possibilidade de a Teoria da Enunciação servir como subsídio para a prática docente, uma vez que oferece ferramentas para que o professor identifique o sujeito como elemento fundamental do processo. É preciso mostrar ao aluno, que ele poderá reorganizar o enunciado da melhor maneira possível, de acordo com as exigências e condições de produção, uma vez que a enunciação é sempre única, irrepetível, e por isso, ele estará sempre produzindo um novo enunciado.

Para entendermos melhor, ele mesmo nos explica que o ato de apropriação da língua "introduz aquele que fala em sua fala". Para Benveniste (1995):

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade - que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu. (BENVENISTE, 1995)

Assim, para aproximarmos Benveniste da produção textual em sala de aula, é preciso ter claro que

A subjetividade se apresenta como a capacidade de o locutor se colocar no discurso como sujeito que diz eu. Esse sujeito, ao dizer eu, automaticamente, constitui uma pessoa a quem se dirige, o tu. Existe, apesar da transcendência do eu, sempre esta relação de alguém que fala para alguém. Eu não emprego eu a não ser para instituir um tu, dirigir-me a alguém. (BENVENISTE apud NAUJORKS, p. 66, 2011)

E ainda,

No que diz respeito ao processo de leitura, forma e sentido, semiótico e semântico se relacionam à questão da significância da língua associada à presença de um sujeito que, na troca enunciativa com o interlocutor, faz uso da língua. (NAUJORKS, 2011, p.78)

Nesse sentido, torna-se possível direcionar o aluno para um ensino produtivo, que o leve ao domínio da língua escrita padrão no Brasil, fazendo-o apropriar-se do idioma e, assim, através dele, constituir não só uma dissertação, mas um enunciado completo, de qualidade, estruturar um enunciado eficiente.

Analisemos, agora, uma atividade metodológica realizada ao longo do ano letivo de 2013, cujo objetivo principal era instrumentalizar o aluno para a elaboração de textos dissertativos de qualidade. Antes de passar para análise do *corpus*, vale ressaltar que

a língua nos fornece, segundo Benveniste, o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento, ou melhor, que seja semiótico (estrutura formal) e semântico (funcionamento). Enquanto semântica, a língua se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada. Falar é sempre falar-de. Enquanto semiótica, a língua consiste formalmente de unidades distintas, sendo cada uma delas um signo. Em resumo, porque ela é investida de dupla significância, combinando o modo semiótico de significar com o modo semântico. Os outros sistemas ou são somente semióticos, como os gestos de cortesia, ou são somente semânticos, como as expressões artísticas. (CARDOSO, 1997, p.65) [Grifo nosso]

5 Analisando o *Corpus* – apropriando-se da língua no texto escrito

“Forma e sentido só se definem um pelo outro e devem juntos se articular em toda a extensão da língua”

(Benveniste)

A turma 101 da Escola (X) possui 30 alunos. Todos animadíssimos com o ingresso no Ensino Médio e com as inúmeras possibilidades e experiências que estão por vir. Já na primeira aula de redação (como disciplina, não como componente avaliativo de Língua Portuguesa), surgem inúmeras reclamações e confissões. Temos ali alunos que não gostam de escrever (e culpam seus professores por isso) até alunos que sonham em publicar um livro (e esperam desenvolver suas competências com o auxílio do professor).

Aqui, pretendemos *identificar qual o momento em que essas ocorrências aparecem com mais frequência*: quando o aluno preocupa-se mais com a FORMA do texto (no caso, a estrutura dissertativa – aspecto semiótico de Benveniste) ou quando o aluno preocupa-se mais com o CONTEÚDO que desenvolverá (no caso, o tema sobre o qual discorrerá – aspecto semântico de Benveniste). Lembrando que:

Forma e sentido são duas noções que só podem ser vistas concomitantemente, mesmo que, em um primeiro momento, apareçam em oposição. Do ponto de vista da língua em uso, tal oposição precisa ser entendida e esclarecida de modo que retorne sua força e sua necessidade. (NAUJORKS, 2011, p.72) [Grifo nosso]

Justificando nossa análise, vale ressaltar que Benveniste (1989) afirma que qualquer língua que possui verbo constitui seu modelo de conjugação a partir das categorias de pessoa, as conhecidas “pessoas gramaticais”.

Em Flores et al. (2008), também, podemos destacar que:

A noção de pessoa, tal como é apresentada, implica constituição recíproca: o ato por meio do qual eu se constitui como sujeito constitui tu. Eu e tu são mutuamente constitutivos, tu é implícito ao dizer de eu. O dizer que é relativo à noção de subjetividade – eu/não – eu – também é relativo à noção de intersubjetividade eu↔não-eu. (FLORES, 2008, P. 52) [Grifo nosso]

E, ainda em Flores et al (2008)., temos as implicações sobre a noção de pessoa:

Esta implicação pode também ser verificada nas características que Benveniste atribui à categoria de pessoa. A primeira é a unicidade; eu e tu são sempre únicos, se renovam a cada situação enunciativa; a segunda, reversibilidade, aponta também para o fato de que a situação enunciativa é sempre outra, sempre nova: se tu toma a palavra, já não é mais tu, e sim eu. O que se propunha como eu agora é tu; a relação é refeita, é nova, já não é mais a mesma (FLORES, 2008, P. 52) [Grifo nosso]

Assim, o enunciado é sempre novo e sempre parte da reciprocidade. Sempre há um “eu” direcionado a um “tu”. Assim, deve o locutor se apropriar das formas pré-existentes na língua e referir a si próprio, enunciando sua posição, de um lado utilizando índices específicos e, de outro, procedimentos acessórios.

Outro ponto de igual valor é abordado por Naujorks (2011):

Diz Benveniste que os pronomes pessoais são, para a revelação da subjetividade na linguagem, o primeiro ponto de apoio. Esses pronomes, mesmo estando na língua, não remetem a nenhum conceito. Pertencem, portanto ao âmbito da enunciação. (NAUJORKS, 2011, p.66)

Desta forma, essas são as marcas de enunciação que procuramos nas produções textuais dos alunos. Marcas pequenas mas que carregam em si um amplo significado e funcionalidade, conforme demonstra a Teoria de Benveniste.

Assim, tendo em vista esse momento inicial de análise, restringimos a comparação dos textos apenas à presença da pessoa “eu”, através da verificação das formas verbais utilizadas pelos alunos, em cada situação.

Terá a presença do sujeito influência na qualidade da produção textual?

5.1 A Aula de Redação – primeiro momento: a forma

Devido à heterogeneidade da turma e, principalmente, por não haver um conteúdo curricular previamente listado/organizado pela escola, foi necessário buscar em várias fontes orientações para as aulas de Redação. A Coordenação da escola, bem como a Direção,

apresentaram-se abertas às sugestões e solicitaram, somente, que fosse abordado o conteúdo de DISSERTAÇÃO já desde o 1º ano, uma vez que os alunos deveriam treinar já para o Enem e para os Vestibulares de grandes Universidades federais.

Isto posto, o trabalho, ao longo do primeiro e segundo trimestres (de março a junho de 2013) versou acerca da estrutura dissertativa, elementos coesivos, formas de argumentação, reescrita e muitos textos dissertativos. Todas as propostas eram apresentadas juntamente com textos norteadores, que incentivavam o aluno a escrever e opinar acerca do fato/assunto em pauta.

Embora necessária, a técnica foi recebida por todos com grande aversão. Dizer que há um espaço limitado para a criação de um texto, que o aluno não pode “ultrapassar” tais barreiras ou que deve conter e polir seu vocabulário mostrou-se como uma castração linguística.

O mais curioso é que, paralelamente a esse conteúdo, a disciplina de Língua Portuguesa versava sobre variações linguísticas e sobre a importância de se valorizar os diferentes níveis de cada língua. Esbanjava explicações sobre o que é o certo e o que é o errado e, ainda, postulava nas aulas que todos são dotados de uma gramática internalizada, o que os capacita para interagir e comunicar com os demais, função primeira da linguagem.

Daí, inúmeros questionamentos acerca da estrutura dissertativa. Outro elemento significativo foi a imensa falta de interesse no conteúdo.

Após 3 (três) meses de exercícios, os alunos participaram de um Simulado para o ENEM 2013. Nesta oportunidade, o tema da redação era “Desenvolvimento sustentável”.

Exemplos de períodos construídos pelos alunos, usando a impessoalidade no texto:

Exemplo 1 – Redação 1

E preciso saber para alcançar um desenvolvimento sustentável. Que depende de planejamento e do reconhecimento que os recursos naturais são finitos.

Este desenvolvimento sugere, de fato, qualidade em vez de quantidade, com a redução do uso de matérias-primas e produtos e o aumento da reutilização da reciclagem.

Exemplo 2 – Redação 2

Ter um desenvolvimento sustentável na sociedade atual é importante para todos da sociedade. A mesma precisa cuidar da natureza e ter preocupações com os recursos existentes na natureza.

A seguir, uma compilação inicial dos dados⁸:

Tabela 2

<i>Alunos inscritos</i>	<i>Alunos Presentes</i>	<i>Média da nota na Produção Textual (peso 10,0)</i>	<i>Média de marcas de pessoalidade presentes no texto:</i>
30	21	4,8	2

Fonte: criação da autora

Buscando evitar o uso da primeira pessoa no texto, a maioria copiou frases dos textos de apoio para a dissertação, construindo períodos fracos e desconexos.

O resultado chocou a Direção e Coordenação da escola, que solicitou mais empenho por parte dos alunos.

5.2 A Aula de Redação – segundo momento: o sentido

Objetivando proporcionar novas experiências com a prática da escrita, propusemos, no bimestre seguinte, um novo olhar sobre a escrita. Optamos por trabalhar com crônicas, de diversos cronistas brasileiros famosos, sobre os mais diversos assuntos. A leitura dos textos em aula, seleção e divisão da turma em grupos transformou a aula de Redação – antes chata e cansativa – em um momento de descontração e socialização.

Além de estudar o autor e ler as obras, cada grupo deveria fazer uma releitura da obra por escrito, para entregar à professora e, ainda, em vídeo, para apresentação em aula.

Ao longo dos três meses seguintes, os alunos buscaram informações e organizaram o trabalho. Sempre animados e interessados. Um dos principais motivos foi a temática dos cronistas, próximas da realidade do aluno, que facilmente se identificava com o texto.

⁸ Temos a consciência de que uma análise requer um número muito maior de elementos a serem comparados, bem como de subsídios teóricos e compilações que não são pertinentes a um artigo. Pretende-se, em outro momento, explorar novamente o assunto, haja vista a relevância da proposta metodológica, bem como da necessidade de experimentar em diferentes contextos.

A apresentação dos vídeos revelou o domínio linguístico da maioria dos alunos, permeado por um alto nível de criatividade. Pode-se averiguar isso não só pelo fato de filmar o trabalho, mas sim pela estrutura textual apresentada em todos os textos e filmes.

Concomitantemente, foram solicitadas algumas redações, ainda mantendo a estrutura dissertativa (ou seja, uma produção textual onde o aluno pudesse colocar-se como sujeito, sem preocupar-se com a impessoalidade e/ou estrutura do texto). Já nessa fase, os textos apresentados superavam – e muito – os do bimestre anterior, não só em qualidade, mas em quantidade, pois o interesse pela atividade foi geral. Perguntando a um aluno porque, agora, ele resolvera realizar a tarefa, fui surpreendida ao escutar “*agora parece que a minha opinião realmente vale alguma coisa*”.

Ao mesmo tempo, também, passamos a trabalhar com as competências elencadas pelo ENEM como necessárias para a construção de um texto de qualidade, com a leitura e reescritura e, principalmente, com a inserção do aluno como sujeito de seu enunciado. Neste momento, não mais esgotamos nosso estudo sobre a FORMA, mas sim, sobre o SENTIDO⁹. A significação da língua ganhou muito mais importância na construção textual do que a forma. Aparentemente, esta foi solução encontrada para que a turma 101 passasse a aceitar e colaborar para com as aulas de Redação.

Permitir que o aluno tenha autonomia na organização linguística e reconheça seu importante papel nela – no caso, não na fala, mas sim no texto – dá segurança e melhor estrutura à produção.

Após mais 3 (três) meses de exercícios, os alunos participaram de um segundo Simulado para o ENEM 2013. Nesta oportunidade, o tema da redação era “Conflito Interpessoal”.

Exemplos de períodos construídos pelos alunos, usando a personalidade no texto:

Exemplo 3 – Redação 3

Acredito que é importante valorizar o outro, mas sem deixarmos de nos posicionar perante os mais diversos temas.
Sendo ciente de meu papel na sociedade, sou capaz de perceber até onde posso – ou não – expandir minhas ideias.

⁹ Deixemos claro que não estamos questionando a estrutura dissertativa do texto. Todos os textos seguiram a estrutura e apresentaram tese – introdução – argumentação e conclusão.

Exemplo 4 – Redação 4

É fundamental perceber nosso papel no meio onde estamos inseridos, porém, também é fundamental perceber o espaço do próximo.

Assim, minha participação não resume-se apenas aos meus interesses pessoais, como também ao interesse social e bem estar de todos.

A seguir, uma compilação inicial dos dados¹⁰:

Tabela 3

<i>Alunos inscritos</i>	<i>Alunos Presentes</i>	<i>Média da nota na Produção Textual (peso 10,0)</i>	<i>Média de marcas de personalidade presentes no texto:</i>
30	30	8,9	7-12

Fonte: criação da autora

É visível a melhora atingida pela turma. Em todos os itens elencados.

Percebemos a segurança ao escrever de cada aluno. O mais interessante é que a maioria dos alunos não apresentou melhoras somente na argumentação, mas também na estruturação de seu texto. Será por não sentir-se tão pressionado? Ou pela mudança de foco em sala de aula? Tais questões e inúmeras outras são temas para novos estudos, porém, é possível concluir que

forma e sentido não se excluem, embora sejam duas linguísticas distintas, em que uma se ocupa dos signos formais, estudados por meio de uma metodologia rigorosa, e a outra se interessa pela utilização da língua em seu uso. Entretanto, seu objeto de estudo é o discurso, a manifestação da língua no uso da linguagem. (Barbisan, 2007, p.26) [Grifo nosso]

Não viemos, aqui, questionar o modelo dissertativo e sua impessoalidade, mas sim, justificar que a inserção do sujeito no texto, especialmente no modelo dissertativo-argumentativo, é ferramenta qualitativa para a produção textual. Partindo do princípio de que há um “eu”, um “tu” e um enunciado, facilita-se a compreensão estrutural, favorece-se a experiência do aluno e proporciona-se momentos didáticos mais produtivos em sala de aula.

¹⁰ Temos a consciência de que uma análise requer um número muito maior de elementos a serem comparados, bem como de subsídios teóricos e compilações que não são pertinentes a um artigo. Pretende-se, em outro momento, explorar novamente o assunto, haja vista a relevância da proposta metodológica, bem como da necessidade de experimentar em diferentes contextos.

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, apontar noções relevantes nos estudos sobre a Enunciação de Benveniste – detendo-nos especialmente na noção de sujeito, enunciado, forma e sentido - como teoria norteadora da prática de produção textual do Ensino Médio, mais especificamente no que se refere ao texto dissertativo. Elencando subsídios desde a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ENEM e a sala de aula, foi possível demonstrar o quão significativamente tal teoria pode auxiliar o profissional de língua portuguesa em seu trabalho docente. Demonstramos, na prática, a diferença entre a produção de textos dissertativos em diferentes momentos didáticos (ora com ênfase na forma, ora com ênfase no sentido) apresenta diferença qualitativa em relação às marcas de enunciação ou não no texto. Com isso, podemos, portanto, afirmar, que a apropriação da língua por um locutor – que passa a sujeito – e refere-se a um outro em seu enunciado é fator decisivo para a qualidade textual dissertativa em sala de aula. Aqui, tratamos de uma análise superficial de dados, que nos incita a continuar os estudos e aprofundar os dados.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBISAN, Leci Borges. **O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot**. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras – UFSM, Número 33. Editora PPGL, Julho/Dezembro de 2007. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r33/revista33_3.pdf> Acesso em: 01 de fevereiro de 2014.

_____, FLORES, Valdir do Nascimento. **Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística**. In. Normand, Claudine. Convite à linguística. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <http://www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1036/convite_a_linguistica_apresentac_o.pdf>. Acesso em 15 de março de 2014.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4ed. São Paulo: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **O Aparelho formal da Enunciação.** In. *Problemas de Linguística Geral II*. Disponível em: Acesso em <<http://pt.scribd.com/doc/93302499/BENVENISTE-Emile-O-aparelho-formal-da-enunciacao-In-Problemas-de-Linguistica-Geral-II-Campinas-Pontes>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Matriz de Referência ENEM.** 2012. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf >. Acesso em 16 de janeiro de 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: 144p. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em 16 de janeiro de 2014.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Benveniste: Enunciação e Referência.** Revista de Estudos Linguísticos: Belo Horizonte, ano 6, nº5, v.1, p. 65-86, jan/jun, 1997. Disponível em: < www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/.../1167 >. Acesso em 05 de março de 2014.

CASSANA, Mônica Ferreira. **Linguística textual, enunciação e análise de discurso: limites e perspectivas para um mesmo objeto.** Disponível em: <<http://revlet.com.br/artigos/173.pdf>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

EMILE Benveniste. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Benveniste>Acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

FERDINAND de Saussure. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure>Acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

FLORES, Valdir. **Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação.** Porto Alegre: Edipuc, 1999. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30441>>. Acesso em 15 de março de 2014.

_____. **Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação.** In: BARBISAN, L. B.; FLORES, V. N. (orgs.). Estudos sobre enunciação, texto e discurso. Letras de Hoje. Porto Alegre, EDIPUC, v. 36, n. 4, dez. 2001, p. 7-67.

_____ et al. **Enunciação e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____ **O lugar da nunciação do vestibulando: os dizeres possíveis.** In. Reflexões Linguísticas e redação no vestibular; Comissão Permanente de Seleção (COPERSE/UFRGS.). Organizado por Sabrina Abreu, Porto Alegre, UFRGS, p. 49-61, 2010.

GIACOMELLI, Karina. **A Enunciação em Benveniste e Bakhtin: Exclusões Saussurianas.** Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/063.htm>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2014.

MACHADO, Carmem Therezinha Mattos Fernandes. **Produção de Texto nos Livros Didáticos e os PCNs.** Revista e-letras nº. 03 – novembro/2001. Disponível em <www.utp.br/eletras/ea/eletras3/art05.htm>. Acesso em 13 de janeiro de 2014.

MIKHAIL Bakhtin. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin> Acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

MURRIE, Zuleika Felice (org). Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – **Parte II - Linguagens, códigos e suas Tecnologias**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2014.

NASCIMENTO, Manoel Nelito M. **Ensino Médio no Brasil: Determinações Históricas**. Publicatio Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Vol. 15, No 1 (2007). Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/594>. Acesso em 14 de março de 2014.

NAUJORKS, Jane da Costa. **Leitura e Enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem**. 2011. 153 f. Tese de Conclusão de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37440>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

OLIVEIRA, Karine Rios de, e LEITE, Thiago André Rodrigues. **Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste: questões referentes à língua, à fala e à criação linguística**. Disponível em <<http://www.inventario.ufba.br/09/9/FERDINAND%20DE%20SAUSSURE%20E%20C3%89MILE%20BENVENISTE.pdf>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2014.

REVISTA LÍNGUA. **A carreira nas alturas**. Dezembro, 2012. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/63/artigo249013-1.asp>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2014.

SILVA, Maria Aparecida Marfori da. **Os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e a transposição didática de seus conteúdos pelo professor na produção textual escrita**. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/4sepla/resumosexpandidos/Maria%20Aparecida%20Marfori%20da%20SILVA.pdf>> Acesso em: 16 de janeiro de 2014.

TUON, Ligia. **Língua Portuguesa elimina Candidatos a estágio**. Abril, 2012. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/lingua-portuguesa-elimina-candidatos-a-estagio/>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2014.

VERONA, Jéssica. **Resenha PCN – Língua Portuguesa – Ensino Médio**. 2012 Disponível em: <<http://jessicaverona.blogspot.com.br/2012/03/resenha-pcn-lingua-portuguesa-ensino.html>>. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

WERNER, Kelly C. Granzotto. **Os Estudos da Enunciação e a Formação do Professor de Línguas**. 2004. Disponível em: < http://coral.ufsm.br/lec/02_04/Kelly.htm >. Acesso em: 16 de janeiro de 2014.